ANO XI / JULHO 1953 / N.º 107



# Novellae

# OLIVARUM



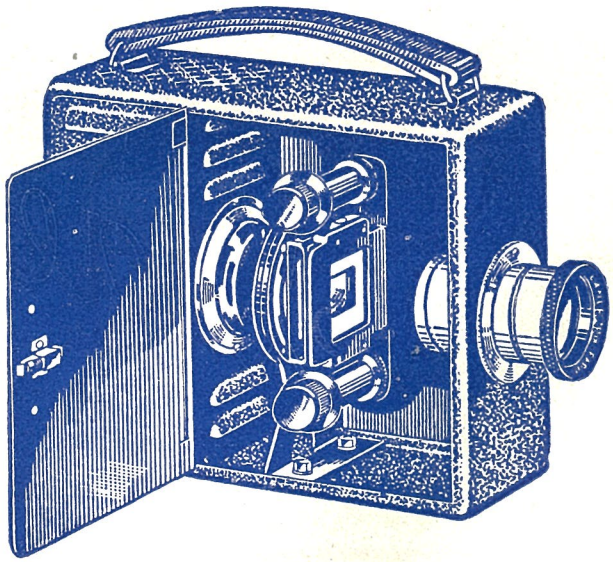
«Em todas as coisas da Liturgia deve resplandecer a nobreza das imagens e das formas servida por todas as autênticas Belas Artes»

PIO XII
Mediator Dei

**CAMERAFIX -S. B.**

O Projector que conquistou a preferência do Público, pela sua

Luminosidade
Simplicidade
Robustez



**ALPHA ET OMEGA**
**Baptista & Padilha, L.da**
*R. Eugénio dos Santos, 30-2.º*
*Telf. 28709* *LISBOA*

# E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

**TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS**

**SEGUROS** **CARVÃO**

**REPRESENTAÇÕES**
**(INDUSTRIAIS, ETC.)**

**EXPORTAÇÕES**

**TRANSITÁRIOS**

**ETC., ETC.**

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

# FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

**Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto**

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

*Tecidos pretos*

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

**N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**

FUNDADA
EM 1756

# "CENACULO"

## VINHO PARA MISSA

**Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto**

## REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

# NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
*COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA*

*Director* — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
*Redactores* — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
*Proprietário e editor* — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
*Administrador* — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

## SUMÁRIO

Homenagem de gratidão — P.e FERNANDO CRISTÓVÃO ... ... ... 170

O tema do sacerdócio dos fiéis — C.o A. Gregório Neves ... ... 171

Obra das Vocações e dos Seminários — T. Delgado Tomás ... 179

O Cardeal Cerejeira — A. Leitão ... ... ... ... ... ... ... 187

Fala da Juventude — Fernando Melro ... ... ... ... ... ... 193



# Homenagem de gratidão

Ao dedicar-se este número de «Novellae Olivarum» a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, teve-se em vista não apenas prestar a nossa homenagem por tantos títulos devida a tão alta figura da Igreja, nesta celebração das Suas Bodas de Prata episcopais, ocorrida em 17 de Junho passado, mas ainda, afirmar em testemunho público, a gratidão dos seminaristas para com aquele que é o seu Bispo, modelo das suas aspirações de Sacerdotes.

É ao problema do clero que Sua Eminência tem dedicado o melhor do seu esforço. E conquanto sejam inúmeras as realizações nestes vinte e cinco anos de restauração da vida religiosa portuguesa, fruto de uma actividade intensa e inteligente ao Serviço da Igreja, apraz-nos salientar esta, por nos estar mais directamente ligada.

Volvidos vinte e cinco anos, Sua Eminência podia rever-se já com nobre orgulho na magnífica obra realizada. Mas essa recapitulação que a sua humildade e modéstia não querem fazer, é merecedora de ser feita por todos, com os olhos postos no céu, e tendo no coração e nos lábios um hino de acção de graças ao Senhor pelo admirável Pastor a quem confiou as nossas almas.

P.e FERNANDO CRISTÓVÃO

# O tema do sacerdócio dos fiéis

Na reunião anual da «American Catholic Theological Society», realizada em Junho de 1948, o P.e P. Palmer, S. J., fez aos participantes a seguinte pergunta, a modo de inquérito: *Em que sentido os leigos são sacerdotes?*

Três espécies de respostas se obtiveram: 1) «O laicado, seja individual seja mesmo colectivamente considerado, é sacerdotal apenas em sentido análogo; e como esta analogia é extrínseca, tal sacerdócio é tão sòmente metafórico» — Note-se como esta resposta nada acrescenta hoje, no séc. XX, à conhecida e imperfeita solução que dava Gabriel Biel no séc. XX...

2) Os leigos, considerados colectivamente, podem chamar-se sacerdotes em sentido real; porém o leigo, tomado individualmente, é sacerdote apenas em sentido metafórico».

Finalmente a 3.ª, a única que, apesar de lacónica, pode satisfazer e que está de acordo com os muitos documentos do Magistério: «O conceito de sacerdócio deve ser aplicado aos leigos, em sentido análogo; tal analogia porém é intrínseca».

Vê-se como o tema do sacerdócio dos fiéis tem a maior actualidade especulativo-pastoral; e nem admirada, uma vez que os Sumos Pontífices vêm pondo de há anos esta doutrina em grande relevo. Assim por exemplo já com a encíclica «Miserentissimus Redemptor (8 Maio 1928), Pio XI, de feliz memória, chamava a atenção para os vários aspectos do sacerdócio dos fiés na Igreja oferecendo o sacrifício do Senhor. Mas é sobretudo o S. Padre Pio XII quem, primeiro na encíclica «Mystici Corporis (29 Junho 1943), e mais recentemente na «Mediator Dei» (20 Novembro 1947), põe em realce este tema, corta de vez com as controvérsias, e formula com toda a perfeição a doutrina sobre o assunto. Por isso mesmo não admira que a especulação solerte dos teólogos tenha acompanhado e aproveitado os documentos Pontifícios para melhor dar

a conhecer a riqueza deste tema do Sacerdócio na Igreja. (1)

Deste modo os modernos estudos sobre o Corpo Místico, o Sacrifício de Cristo, a Teologia do Laicado, na Igreja, viera dar actualidade a um tema bastante antigo mas que sofreu vicissitudes várias ao longo dos séculos.

Nos tempos áureos da Patrística sabe-se como a afirmação dos PP. pusera todo o interesse nos textos bíblicos que afirmavam ser o Povo de Deus — Povo Santo e Consagrado, um Povo de Sacerdotes, um Sacerdócio Real mesmo. Durante a Alta Idade Média, é fácil juntar grande número de atestações que reconhecem aos fiéis a prerrogativa sacerdotal; porém, passados os meados do séc. XIII e daí em diante até ao séc. XVI, os teólogos pré-Tridentinos inclinaram-se a considerar o sacerdócio dos fiéis apenas na estricta linha da Petr. 2/5,9, e desta sorte pensam que eles oferecem um sacrifício mais interior do que externo, mais pessoal do que social; será um sacrifício «místico» em contraste com o sacrifício litúrgico, a Missa; e na Missa, de resto, o celebrante não só consagra, mas também é ele, apenas, quem oferece verdadeiramente em nome de toda a Igreja. Este é o conceito que se acha fixado no teólogo atrás citado, Gabriel Biel, para depois ser reproduzido vezes sem conto...

Estes teólogos pré-tridentinos utilizam, de resto, vocábulos vários para designar o «sacerdócio» dos leigos — o que indicaria por si só

---

(1) Uma pequena indicação bibliográfica: P. Palmer, The Lay Priesthood: real or metaphorical? in *Theological Studies,* 1947, pg. 547-613; de novo, *ibidem,* 1945, pg. 235-250. P. Y. Congar, O. P., Le sacerdoce des fidèles, in *Rev. des Sciences Religieuses,* 1951, pgs. 187-200, 270-304, desenvolvendo notas do P. Long-Hasselmans (de Marselha); La participation des fidèles à l'Eucharistie, in *Lumière et Vie,* 7, pg. 54-72; P. S. Tromp, S. J., Quo sensu in Sacrifício Missae offerat Ecclesia, offerant fidèles, in *Periodica...,* 1940, pg. 265, segs; duas «conferências» do P. G. de Broglie, S. J.: Du rôle de l'Église dans le sacrifice Eucharistique, in *Nouv. Rev. Théologique,* 1948, pg. 449-460, e: La Messe, oblation collective de la Communauté chrétienne, in *Gregorianum,* 1949, pg. 534-561.

Além destes, os trabalhos cuidadosos que se acham publicados: P. Dabin, S. J.. Le Sacerdoce royal des fidèles dans la tradition ancienne et moderne (Desclée, 1950, 643 págs.), precedido por: Le sacerdoce des fidèles dans les Livres Saints (Bloud 1941); J. S. Rea, The common Priesthood of the membyers of the Mystical Body (Westminster, Md. 265 pgs.). Finalmente os resultados já inseridos cuidadosamente nos compêndios de Lercher, Piolanti, mesmo Filograssi (na 5.ª edição, emendada, neste ponto, em relação à anterior), E. Sauras (in El Cuerpo Mistico de Cristo).

quanto o consideram diferente do sacerdócio ministerial, do celebrante... Ao fim e ao cabo, vê-se que eles veem todos a coincidir na ideia de um simples sacerdócio espiritual do laicado — ou seja, um sacerdócio puramente metafórico.

Surgido no séc. XVI o Concílio de Trento, com a sua justa elaboração de precisão e ajustamento das posições dentro da legítima tradição católica: isto porque entretanto haviam aparecido Wiclef e depois Lutero, fazendo tábua raza do sacerdócio hierárquico e nivelando-o com o sacerdócio dos simples fiéis; e não existindo já diferença estre ambos, no fundo envileceram um e outro... Compreende-se pois que o C. de Trento, sem deixar de firmar bem o dado tradicional de que «é toda a Igreja que oferece o Sacrifício Eucarístico» todavia, «(Cristo) oferece-se a Si mesmo pela Igreja e por meio dos Sacerdotes: ab Ecclesia *per sacerdotes immolandum* (Sen. 22, c. 1; Denz. 938).

Como reacção, a controvérsia anti-protestante veio acentuar a nota do sacerdócio puramente espiritual dos fiéis, e ainda hoje se encontra quem perfilhe essa opinião, como referíamos atrás ao citar o tipo de resposta n.º 1 ao inquérito do P. Palmer. É um excesso, para combater o excesso contrário do Protestantismo... Dada, porém, a recente renovação dos estudos teológico-litúrgicos e a revalorização concomitante do Sacrifício Eucarístico e de quanto a ele se refere — portanto, mesmo da função sacerdotal-litúrgica dos fiéis — compreende-se que hoje seja preciso voltar muito atrás, aos tempos da «Summa Teologica», em que S. Tomás não deixou de precisar os pontos devidos, recolhendo a tradição teológica anterior a ele e pondo as bases do desenvolvimento que nós hoje podemos fazer para pôr uma acertada teologia do sacerdócio dos fiéis. De resto, hoje há uma feliz tendência a estudar a «teologia do laicado»: por isso não é fora de propósito tomar como um dos «pontos de partida» para tal, o tema do sacerdócio dos fiéis.

Pela certa que se torna necessário evitar os exageros, de sabor neo-protestante; assim, na própria encíclica «Mediator Dei» o S. Padre acautela contra os desvios neste sentido: o velho erro dos Reformadores, afirmando de que não há mais do que um só sacerdócio, respeitando a todos os Baptizados... que o preceito dado por Jesus na última Ceia se refere directamente à assembleia dos fiéis, e só posteriormente daí nasceu o sacerdócio hierárquico — portanto, que a Comunidade goza de verdadeiro poder sacerdotal no pleno sentido da palavra, e o sacerdote

age apenas como mandatário da Comunidade; que o Sacrifício Eucarístico não passa de uma autêntica concelebração... (1)

Depois de negar aos simples fiéis o poder sacerdotal estricto, Pio XII reconhece-lhes um poder sacerdotal análogo, por um dito hoje «poder cultural» por outros «sacerdócio comum» e até «sacerdócio místico», dos Baptizados; e vai tirar daí todas as conclusões na ordem pastoral. Se de facto hoje se procura fazer uma cordata «teologia do Laicado» consoante foi dito, importa a um tempo evitar quer o clericalismo, quer o laicalismo — entendendo-se, no que diz respeito às relações entre o Clero e o Laicado na Igreja de Cristo, tudo quanto pode ser demasia quer para o lado eclesiástico, quer para o lado dos fiéis. (2)

*
* *

O tema das prerrogativas sacerdotais do Povo de Deus tem uma longa história. Foi precisamente na altura da preparação da Aliança do Sinai; segundo vem relatado em Ex. 19/5-6, que Deus falou aos hebreus por boca de Moisés, dizendo: «De futuro, se me obedecerdes e respeitardes a minha Aliança, hei-de vos considerar como meus próprios, entre todos os povos — porque toda a Terra é meu domínio; hei-de considerar-vos com um reino de Sacerdotes e um raça Consagrada».

Eis o admirável prelúdio que o próprio Deus põe à aliança com aquele Povo, o Povo Escolhido, Nação consagrada e santa, reino de Sacerdotes.

Isto vem a significar que, para corresponder à escolha benigna de Yahweh, à eleição, Israel deverá pertencer inteiramente ao Senhor; e uma vez assim elevado, este povo será como que o mediador entre o Deus do mundo inteiro, e todos os outros Povos, que a Deus pertencem! Assim, os membros do Povo Consagrado, enquanto participam da Aliança, participam daquela Mediação.

O sentimento vivo de Israel «Povo Mediador», torna-se especialmente nítido após o Exílio, com o aparecimento da Diáspora Judaica: ao tema de «Israel entre as Nações», Filon de Alexandria, já no alvorecer da nossa era, fará desenvolvido comentário dizendo que Israel realiza as

---

(1) Encíclica «Mediator Dei», edição da J. Central da A. C. P., pg. 53. Note-se que o texto apresenta aqui e além uma ou outra deficiência na tradução.

(2) Vidè Congar e Varillon, Sacerdoce et Laicat dans l'Eglise; Paris, 1947; Edition du Vitrail, 64 págs.

suas funções de mediação «em nome das Nações e em favor delas».

Daí, também, a pujança do recto poselitismo dos séculos anteriores ao Cristianismo. O Povo sente-se investido numa alta missão e, de resto, para secundar os apelos dos profetas mais recentes, quer dar a conhecer o verdadeiro Deus, para que Ele seja, de facto, aquilo que é de direito: o Senhor do Mundo.

Notemos, todavia, que a exegese de tal plano bíblico nos indica que este Povo consagrado por ser sacerdotal e mediador, pelo facto de estar mais próximo de Deus deverá patentear no cumprimento dos preceitos divinos uma obediência e fidelidade própria *de sacerdote*. Assim pois à dignidade e função particular, dadas por escolha benigna de Deus, há-de, seguir-se a correspondência maior: eis um duplo elemento que o Povo Santo da Nova Aliança compartilha com o Povo Eleito da Antiga, e que, (não duvidamos) é nota de realismo bem actual para as nossas Comunidades Cristãs, às vezes descuidadas dos seus privilégios e deveres...

Quanto ao tema sacerdotal, notamos que «o serviço peculiar de Yahweh é um culto, e portanto inclue regras especiais da santidade», ou, em expressão equivalente, como Israel leva consigo o Sagrado Nome de Yahweh, assim tem especial acesso junto d'Ele e viverá para O servir» (1)

Compreende-se pois que se venha a encontrar na boca do justo Zacarias (Lc. 1/75), como ideal do Hebreu piedoso no dealbar da Era Messiânica, o fazer da «vida toda um culto a Deus na Santidade e Justiça». A ideia de Israel — Mediator volta em Is. 43/10,12. Aí se diz que Israel é «testemunha de Yahweh», dando portanto a conhecer o verdadeiro Deus aos gentios, relatando os Seus prodígios e transmitindo a sua Sua Revelação.

Mais adiante, em Is. 61/6,9 diz-se que o povo é de «sacerdotes de Yahweh, ministros do nosso Deus», para poderem os hebreus receber a homenagem dos outros povos e partilhar até dos seus bens temporais; continua pois a ideia do Povo Mediador, precisamente quando ele vai a ser restaurado na Palestina, após 538, e justamente quando se prepara a reconstrução do Templo.

À ideia da Mediação do Povo-Testemunha se sobrepõe a ideia do Sacerdócio-Reinado; esta ideia é até a mais vincada, uma vez que Israel vai disfrutar os bens dos outros povos. O universalismo da salvação

(1) L. Cerfaux, Regale Sacerdotium, in *Rev. Sc. Phil, et Théologiques*, 1939, p. 7 — E. König, *Theologie des Alt. Testam.*, 1922, p. 98.

que se encontra p. ex. no livro de Isaias (60/10 sgs) é um universalismo centralizado em Sião, tão sòmente, de modo que têm de ir a Sião as Nações para prestarem vassalagem a Yahweh. Assim, a «glória» de Israel é sobretudo uma glória real, mais do que sacerdotal: Is. 62/3: « tu serás uma coroa esplêndida na mão de Yahweh, um diadema real na mão do teu Deus».

Notemos porém que, para além destas prospectivas de mediação e reinado, há outras que se atribuem ao Povo Eleito mas na pureza e lustre de um *culto* mais perfeito. Sabemos como os Profectas insistem na «religião pessoal» como timbre do Povo de Deus; já antes mesmo daquela «azougada e vil tristeza» a que poderíamos comparar o Exílio, mas sobretudo através dela, como divina pedagogia que representa para as almas se voltarem inteiramente para Deus, Israel aprendeu pràticamente a apreciar o valor da perfeição interior como «sacrifício», «oblação» a ofertar a Deus: «já não existe para mim nem príncipe, nem chefe, nem profecta; nem holocausto... nem incenso; nem lugar para apresentar perante Ti as primícias e encontrar favor; porém, ó Senhor, recebe-nos. em atenção ao nosso coração contrito e espírito humilhado, como se viéssemos com holocaustos de carneiros e novilhos... Que assim o nosso sacrifício seja presente hoje diante de Ti, e que ele Te seja agradável (oração de Azarias, em Dan. 3/38-40).

Vemos pois como a ideia do sacerdócio de consagração exclusiva a Yahweh do Seu Povo, evoluciona para uma noção mais concreta: a da consagração, devoção, pela perfeição interior, pela religião pessoal.

E assim se vê como se torna necessário, aqui como em outras circunstâncias, não considerar apenas o «plano colectivo» ao falar do Povo de Deus no Antigo Testamento, mas descer às «perspectivas individuais» na história da Revolução. O Sacrifício interior e a religião pessoal, são deste modo nìtidamente de plano individual; e se se pôde falar dum sacerdócio colectivo (no sentido da Mediação e do Reinado, espiritual-temporal), pode falar-se agora dum Sacerdócio individual, da consagração e da religião interior do Homem perante Deus. Sacerdócio é de sentido metafórico; no entanto, correspondendo à oferta da autêntica oblação de hóstias espirituais. Ē isto que o N. T. vai tomar e desenvolver:

* * *

De resto o lema do N. T. neste preciso ponto será o que Jesus deu aos membros do seu Reino: «sede perfeitos, como o vosso Pai Celeste

é perfeito» (Math. 5/48), desenvolvendo aliás a ideia que já vimos, de prestar pela vida na Santidade e justiça um autêntico culto a Deus (L. 1/75).

Um livro há no N. T. que aparentemente como que consiga um retorno em relação a estas perspectivas espirituais tão belas. É o Apocalipse; em virtude do seu género literário, está cheio de reminiscência e citações do A. T., e por isso, ao falar da escatologia na N. Aliança, diz-se que a Igreja, o Povo Santo, não é apenas um reino, mas também «um reino sacerdotal para Deus Pai (1/6)».

Simplesmente, este reino Sacerdotal engloba em si uma liturgia, agora em plano celeste: os cristãos vencedores, são os sacerdotes deste culto e os príncipes da corte celeste. Em 5/9, na apoteose do Cordeiro, mostra-se agora como Jesus ofereceu o seu Sacrifício Redentor, de valor universal, resgatando para Si o Povo Novo da Aliança, que se apresenta como «um reino e sacerdócio para o nosso Deus»; reino esse que não é de súbditos passivos, mas activos, pois reinarão sobre a terra (ibid.) (talvez porque mediadores entre o Céu e a Humanidade, e isto naturalmente após a glorificação do Cordeiro Divino).

Povo santo, de Deus remido — ao modo de Is. 62/11-12. Em 20/6, tal reinado «activo» dos mesmos, que são ditos «sacerdotes do Deus e do Cristo» (um modo de reconhecer a Divindade do Senhor...), exerce-se agora sobre a terra, nos tempos que hão-de mediar até à Parusia (vinda) final de Cristo, isto é, durante «mil anos». Ora, isto é mais do que ser reis ou príncipes da corte celeste; indica-se um elemento «positivo», concreto, na ordem actual da Igreja como reino de Deus sobre a Terra.

S. Paulo, em Rom. 12/1, aponta o serviço religioso de Deus como sendo o autêntico sacrifício espiritual dos fiéis: «rogamos, irmãos, que ofereçais os vossos corpos como uma vítima viva, santa, agradável a Deus, como o vosso culto mental (espiritual)».

Depois em Phil. 2/17, 4/18, volta a mesma ideia; e ainda em Hebr. 13/15-16.

O texto máximo porém, nesta ordem de ideias, no N. T., é o já citado de I Pet.

O lema a que aludimos, vem em 1/16: os cristãos devem ser santos em todo o seu procedimento: porque está escrito (Lev. 11/44): «vós sereis santos porque Eu sou santo». Para o Povo da N. Aliança, que tem por maioria de razão de pertencer inteiramente a Deus ( verá se elas são os «filhos da obediência, v. 14...), S. Pedro vai corajosamente aplicar

o que, no A. T. fora exigido tão sòmente do ritualismo legal (Lev. 11/14-45, 19/2, 20/7). O Príncipe dos Apóstolos exige que os cristãos sejam puros de toda a maneira, tal como o sacerdote que cumpre o rito litúrgico; e a razão, diz, é a razão da redenção: todos eles foram purificados no sangue puríssimo do Cordeiro (v. 19).

Mas não será essa a única razão. Há mais: no N. T. existe na realidade nova em relação ao Antigo: a *inserção em Cristo;* e assim, o sacerdócio espiritual passa a ter novas ressonâncias, a desenvolver em 2/5,9.

S. Pedro, tomando o concreto, diz que o Povo Santo, a Igreja da Nova Aliança, é mesmo no Templo espiritual — que não só isso, mas ainda; Sacerdócio que nesse Templo oficia... «Sacerdócio Santo, para oferecer «sacrifícios» espirituais que serão agradáveis a Deus, por Jesus Cristo» (v. 5). Na verdade, dissera antes que Jesus era a Pedra Angular dese Templo, o Mediador, pois (v. 4); e no v. 5 vem todo um aparato litúrgico: o sacerdócio — os sacrifícios — o Templo (1) — o Culto — o Pontífice (Jesus) — o Termo do Culto (Deus Pai).

A ideia do Povo Santo, consagrado a Deus em Cristo, adquire assim a sua definitiva expressão: aquela consagração ou «dedicação» por Cristo e em Cristo, torna a Igreja de Deus Povo Sacerdotal, não apenas no teor da Antiga Aliança (Ex. 19/5-6), mas mais: porque lhe incumbirá oferecer «sacrifícios espirituais», e é em ordem a eles que existe o sacerdócio novo. Note-se para já que aquela expressão «sacrifícios, hóstias espirituais» (v. 5) em boa exegese não significariam exclusivamente o «sacrificium cordis», sacrifício no íntimo: isto porque na tradição, superando a estricta exegese, se consigna à Eucaristia a designação de «hóstia espiritual »em oposição com o formalismo ritualista mosaico, a que positivamente queria S. Pedro contrapor o sacerdócio novo dos fiéis na Igreja (vd. S. Justino; Orígenes; S. Cirilo de Jerusalém, o qual entende as «hóstias espirituais» deste passo de S. Pedro não de quaisquer sacrifícios em sentido lato, mas da Eucaristia).

Não importa pois que a exegese acatólica venha a coincidir com esta interpretação vendo nela referência à Eucaristia, devido à sua preocupação de nivelar o sacerdócio hierárquico pelo dos fiéis (vd., recentemente, Lohmeyer); o que interessa é que uma esclarecida exegese possa

---

(1) Notemos, de passagem, como Jesus se afirmava Ele próprio «o Templo»: João 2/21.

reencontrar aqui uma indicação do poder sacerdotal dos fiéis em ordem ao sacrifício Eucarístico.

Este Sacerdócio todo ele se acha integrado em Jesus, o Sacerdote Mediador da Nova Aliança, a Pedra Viva da Edificação «Espiritual» nova.

Ora, sabe-se mais, pela revelação do N. T., que o centrar-se em Cristo, o inserir-se em Cristo, se faz pela incorporação no Senhor e esta se inicia pelo Baptismo. A teologia posterior irá portanto tomar estes textos que examinámos no N. T., ampliar e aprofundar o seu significado.

Mas antes de passar a essa nova «étape», insistamos uma vez mais no tema tão rico do sacrifício espiritual que o Povo Sacerdotal deve oferecer como Escolhido e favorecido de Deus; notemos a insistência no assemelhar a vida de cada membro a uma consagração, e a elevá-la à categoria de sacerdócio e oblação espiritual.

Isto representa verdadeiramente o triunfo de Deus no mundo... enquanto não chegam as «liturgias da Eternidade», em que Deus será tudo em todos» (I Cor. 15/28).

*(Continua)*

Cónego A. GREGÓRIO NEVES

# Obra das Vocações e dos Seminários

Fátima... dezoito de Maio... os Finalistas de Teologia de todo o país consagram-se à Rainha dos Apóstolos...

E foi então que se fez sentir na nossa carne o que teòricamente já conheciamos há anos; dali se contemplam horizontes que muitas vezes olhámos e não víamos. É o Espírito Santo... É a Mãe da Divina Graça...

O contemplar esses cento e trinta jovens dá plena razão a quem afirma: «ainda não desapareceu do mundo o entusiasmo dos grandes ideais».

Ah! o entusiasmo, a generosidade, o amor dum jovem... não há oiro que os pague! O coração dum jovem só tem preço num valor igual — outro coração! Mas, por mais amável, generoso e entusiasmante que

se lhe figurasse esse coração... cada um desses cento e trinta rapazes, generosamente, alegremente, «rapazmente», sublimou esse coração, esse amor, no Amor de Deus, no Coração de Cristo — Beleza imperecível, Amor sempre jovem, «alegria da nossa juventude». E, em paga desse sacrifício, Deus como que depôs nas mãos desses jovens o seu próprio destino neste nosso Portugal. Sentia-se bem que, sobre os ombros desse punhado, pesava o Reino de Deus, a glória de Cristo e o Amor de Sua Mãe. E eu era um desse número!... Nunca me senti tão grande e tão pequenino...

Todos tão grandes e tão pequeninos...

Todos — tantos e tão poucos... Por isso vínhamos a Fátima.

E ressoavam as palavras: «Pedi ao Senhor da messe operários para a sua messe... Pai, santifica-os em verdade...»

E pedimos à Mãe do Eterno Sacerdote muitos Sacerdotes . E rogámos à Mãe da Divina Graça a santificação dos sacerdotes.

* * *

Foi, por certo, de sentimento igual que Deus quis surgisse a «Obra das Vocações». Porquanto a sua finalidade é alcançar do Senhor muitos e santos sacerdotes; é pedir a santificação dos sacerdotes e seminaristas; é ainda adquirir auxílios para os seminaristas pobres.

Mas mais do que tudo a obra tende em primeiro lugar a criar ambiente às vocações, criar ambiente ao sacerdote, na sociedade, na família, nos indivíduos.

Na AMBIÊNCIA presente em que parece já não há mais lugar para o padre — a Obra quere dar ao padre o seu lugar. Nestes tempos em que tantos negam a missão do padre — a Obra procura que todos a atinjam.

Não são raros os que afirmam ser dispensável a acção do padre. ser inútil a existência do padre. Acham necessários os professores, médicos, generais, engenheiros, etc. ...mas que o padre é inútil ... Esquecem-se ou ignoram esses que, todo aquele que anda em busca da verdadeira sabedoria — a ciência da Vida — procura o padre — e é junto da sua cátedra que ouve as palavras de Vida Eterna. — O padre também é Mestre!

Todo aquele que anda de alma doente e coração chagado — procura o padre — e da sua clínica sai de alma sã e coração novo. — O padre também é médico!

Todo aquele que, uma vez alistado na milícia de Cristo, tenta alcançar a maioria das vitórias — a vitória sobre si mesmo — procura o padre — e da sua estratégica sai exercitado para os combates e lutas da vida. — O padre também é Chefe!

E, enfim, todo aquele que quere passar do exílio à Pátria, só pode fazê-lo através da ponte lançada pelo padre — ponte esse que liga terra e céu. — O padre também é Construtor!

E é isto que a Obra tem lembrado...

Na FAMÍLIA: Feliz o lar que o Senhor faz seu canteiro onde vai colher suas mais belas flores! Feliz o lar que o Senhor abençoa como fecundo santuário de amor onde vai buscar «não servos mas amigos!»

A função da família é dar homens ao mundo, filhos à Igreja, cidadãos ao céu. — Dar ao mundo e a Deus seres imortais! Esta a sua honra, esta a sua glória.

Ser mãe é trazer no seio — ali juntinho ao coração — terra e céu. Ser mãe é trazer no seio — ali juntinho ao coração — tempo e eternidade!... Se de todas as mães se pode dizer isto, com maior razão da mãe do sacerdote, que, celibatário embora, «frui duma paternidade toda espiritual, de ordem superior e mais próxima da paternidade divina que a dos pais na ordem de natureza» — G. Thils.

Mãe... é tal o poder das mães... que pela sua oração, pelo seu sacrifício — pelo seu amor — , podem gerar no filho que geraram um sacerdote do Altíssimo!... Quantas mães do homem que são verdadeiras mães do padre! Creio mesmo que não pode haver padre sem mãe. E o poder da mãe sobre o «seu» padre? — Não há na terra nada que se iguale: aquele sexto sentido — exclusivamente das mães, a que chamarei maternidade — sentido que prevê, adivinha, pressente... faz delas o maior amparo, o melhor anjo do «seu» padre.

A família é, assim, o primeiro, o verdadeiro seminário. Sem este — feito de amor e sacrifício — os outros, por muito belos, são ineficazes.

Um casal, pedia ao Senhor a graça de o seu primeiro filho ser padre. Quando o trazia no seio a mãe «oferecia-se» com Ele ao Senhor. Quando o trazia ao colo concretizava a sua oferta. E o pequeno lá está. Será padre? — Não sei. O que sei é que Deus não pode deixar de ouvir o coração duma Mãe.

E isto a Obra tem ensinado...

O CRISTÃO: até o descrente precisa do padre. Mas para quem tem fé o padre é o que traça a cruz do perdão, quem diz a palavra que redime

— é o que dá Deus e o que nos dá a Deus.

Mas para fins sobrenaturais — meios sobrenaturais. Ora a perfeição do padre, a missão do padre, são fins essencialmente sobrenaturais. Portanto exigem meios sobrenaturais. Daqui a necessidade da oração, do sacrifício pelo padre.

A oração é a cadeia que leva a Deus nossos anseios e traz de Deus os seus favores.

Sacrifício, dor... Há tesoiros de sofrimento no subsolo de tantas vidas!... Descobertos e explorados são preciosos filões de merecimento. Porquanto nós não somos cépticos, nem revoltados — somos cristãos para quem a dor é redenção! Rezemos, sacrifiquemo-nos pelos sacerdotes... e seremos sacerdotes com eles.

O SACERDOTE: ele que renunciou a dar homens ao mundo — não pode dispensar-se de ao mundo dar padres. É ao padre, com efeito, que compete escolher, amparar — «gerar» — os seus continuadores. Ao morrer, todo o padre — se compreendeu o seu sacerdócio — deve deixar ao mundo pelo menos um padre que o substitua — será a «sua descendência».

E é isto a Obra...

De tudo isto ressalta a sua importância na diocese. Se uma diocese é, em grande parte, o que for o seu bispo e seus padres, obra que vise aumentar o número e santidade dos mesmos, há-de por força, ser obra de primeira grandeza. Daqui se conclui a adesão, o apoio, o interesse — o amor — que lhe devem todos, sacerdotes e fiéis.

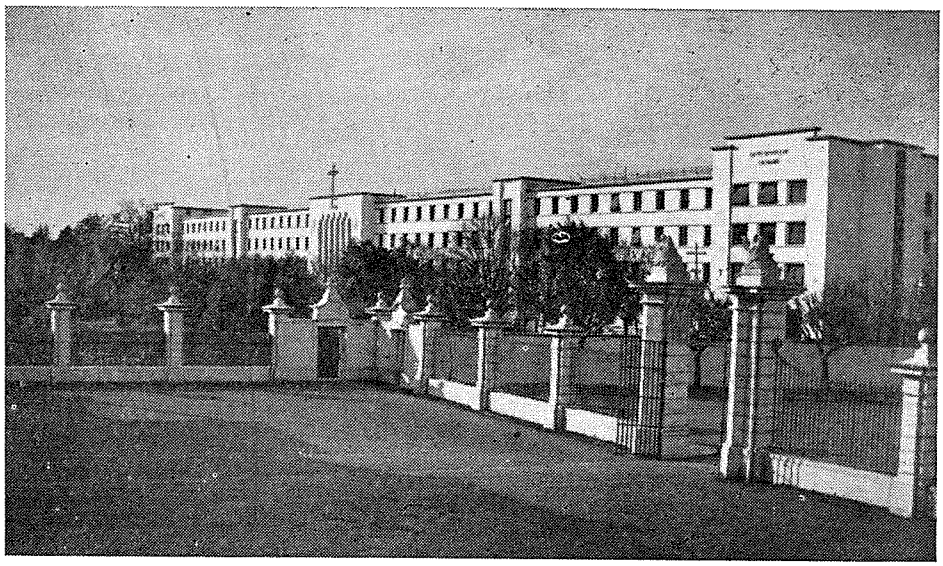
T. DELGADO TOMÁS

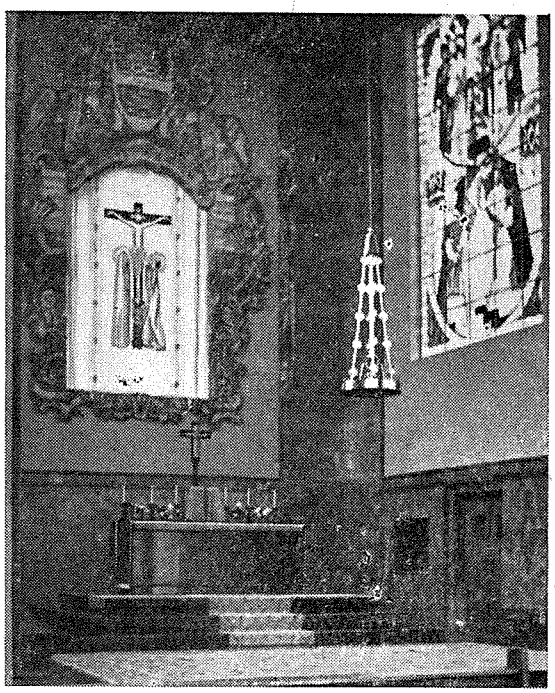


+ M. Card. Patriarca



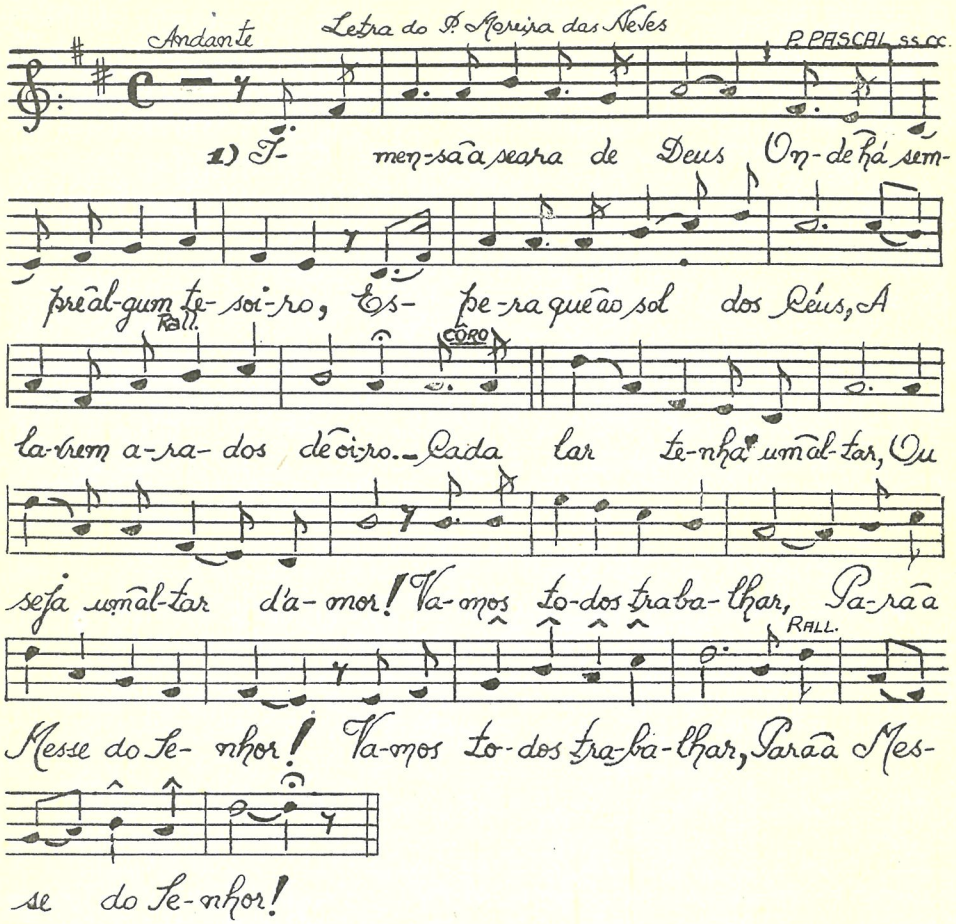
A atitude de joelhos diante de Deus marca a verdadeira grandeza da alma que soube dedicar ao Seu serviço uma vida de realizações magníficas.





O SEMINÁRIO DOS OLIVAIS É A REALIZAÇÃO DUM GRANDE SONHO DO PATRIARCA DE LISBOA

# Hino da Obra das Vocações e dos Seminários




I

Imensa a seara de Deus,
Onde há sempre algum tesoiro,
Espera que, ao sol dos Céus,
A lavrem arados de oiro.

II

Almas cegas buscam luz,
De alvoradas bemfazejas,
Sem Padres, não há Jesus
Nos sacrários das Igrejas.

CÔRO

*Cada lar tenha um altar,*
*Ou seja um altar de amor*
*Vamos todos trabalhar,*
*Para a Messe do Senhor*

III

Jesus, o Mestre Imortal,
Chama a Si o Mundo inteiro.
Sem Padres, nem Portugal
É Portugal Verdadeiro.

# O CARDEAL CEREJEIRA

Em 29 de Novembro de 1888, lá numa singela povoação minhota, de sua graça Lousado, nascia Alguém que a história havia de consagrar com o nome de: «D. Manuel Gonçalves Cerejeira — Cardeal Patriarca de Lisboa».

Ainda no mesmo ano, a 3 de Dezembro, recebe a graça do Senhor.

Feitas as primeiras iniciações de leitura e contas, frequenta depois o Seminário e mais tarde a Universidade nas faculdades de Teologia, Direito e Letras.

É ordenado sacerdote pelo Arcebispo Primaz D. Manuel Baptista da Cunha em 3 de Abril de 1911 e, em 23 de Março do mesmo ano, os sinos de Lousado repicavam em festival melodia para a Missa Nova.

Segue os estudos. 30 de Janeiro de 1918 — doutor em Letras (secção de Ciências Históricas e Geográficas) com a mais alta classificação — 20 valores. Logo, em 5 de Novembro do ano seguinte, professor ordinário de Ciências Históricas da prístina Universidade de Coimbra. Eis o catedrático eloquente e profundo que a Lusa Atenas saúda com alegria.

Mas se o seu talento e saber mereciam tão alta consagração, não a merecia menos o seu sacerdócio.

Em Março de 1928 é nomeado Arcebispo de Mitilene por Sua Santidade o Papa Pio XI. A sagração episcopal teve lugar na Sé Nova de Coimbra aos 17 de Junho do mesmo ano.

Deixou a Universidade; e Aquele que «amava tanto os livros», passou a «só desejar e estudar um que é CRISTO CRUCIFICADO; e todo

o género de glória a que aspira é ser esquecido e desprezado por amor dEle».

Passado porém pouco mais de um ano, por morte do Eminentíssimo Senhor D. António Mendes Belo, aprouve à Santa Sé nomear D. Manuel Gonçalves Cerejeira para Cardeal Patriarca de Lisboa. Foi a Roma. Recebeu das mãos do Santo Padre, e ao lado do Cardeal Pacelli, o barrete cardinalício, em 18 de Dezembro de 1929. De então para cá, o Patriarcado de Lisboa não cessa de erguer preces ao Céu para que o Bom Deus se não afaste do querido Pastor.

*

* *

Como pensador é sua Eminência uma luz de fulgor internacional. Os escritos que nos deixou do tempo de professorado, numa linguagem muito portuguesa e muito fina, dão-nos um testemunho de forte sentir humano e cristão a par duma inteligência culta.

Em «A IGREJA E O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO» o lente de História, aprofundando os conceitos, divisões, relações e limites de Ciência, Religião e Revelação, e, analisando as teorias modernas mais em voga sobre os problemas relacionados com tais conceitos, permite-se resolver, objectivamente fundado numa sã psicologia, pela atitude cristã. Assim, no capítulo V (último desta obra) o Autor pode falar de:

1) «Alma Contemporânea e Religião».
2) «Postulados cristãos da natureza humana».
3) «A crise moderna e a Igreja».
4) «A equação divino-humana».

«CLENARDO». Trata-se dum livro de profundo valor histórico. O século de seiscentos; Clenardo; o confronto deste com os humanistas lusitanos mais proeminentes da época, tudo aí é descrito por uma pena de oiro.

Abundante documentação ilustra esta obra tão completa e apreciada.

«A IDADE MÉDIA». A par do doutor de História se revela neste livro também o apologeta católico na exposição objectiva dos factos e na sua interpretação justa. A Idade Média não foi, como alguns pretenderam, um período de treva. A Ciência e Arte lhe devem um grande esplendor: falem as summas e as catedrais.

«CARTAS AOS NOVOS». Nas palavras que alguém lhes escreveu como introdutórias a uma nova edição, lê-se: «o tempo, quando corre

sobre um livro vulgar, apaga-o; quando passa sobre um livro raro, exalta-o».

É na verdade raro um livro assim, tão cheio de insignes conselhos para uma juventude que queira por-se no difícil caminho da VERDADE.

«VINTE ANOS DE COIMBRA». Este livro consta de vários trabalhos escritos pelo autor, uns ainda como discípulo, outros já como Mestre, e coligidos mais tarde em volume pelo P.e Moreira das Neves. Diz deles o Excelentíssimo Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro: «publicados embora em épocas diferentes e, como é evidente, sem preocupação dum plano, foram coligidos de tal maneira que, neste volume, se descobre um fio luminoso de coordenação que os une a todos».

Ler estes livros é aproveitar. Neles se encontra a erudição e a integridade moral do Doutor e Sacerdote.

* * *

No entanto, quem queira conhecer a autêntica revolução cristã do Cardeal Patriarca de Lisboa e, ao mesmo tempo, o verdadeiro pensamento universal e teológico até, que a anima, não deve esquecer as «OBRAS PASTORAIS».

Nelas foi colhido o que passa a expor-se e que é, sem dúvida, alguns dos aspectos do pensar de S. Eminência.

Quando, sobre os ombros do antigo Arcebispo de Mitilene, começou a fulgir a púrpura cardinalícia, acabava Portugal de sair, enfermiço, daquele caos intenso que vulgarmente se apelida — «período da República de 1910».

O Cristianismo e a Igreja tinham sido ultrajados verdadeiramente por uns desnaturados filhos da nossa terra.

Portugal ia levantar-se duma humilhação política; urgia resgatá-lo nas suas tradições mais lídimas de amor a Deus e a Santa Maria.

Por outro lado o mundo ameaçava. Ameaçava guerra e invasão de ateísmo. A guerra começou, acabou, mas não veio a paz. O ateísmo continua a alastrar-se por esse mundo fora, nas caravelas do naturalismo, totalitarismo político e reclamações sociais visando a uma Revolução Mundial (como se do ódio pudesse nascer alguma vez felicidade pacífica e eficaz).

Perante um espectáculo tão pessimista, uma vez posto «sobre o monte para a alumiar», cônscio das suas responsabilidades, entregou-se a Deus numa doação total.

O mundo descrê? Há que dar-lhe um testemunho de Fé e de Caridade.

O mundo adora a matéria e prosterga os Direitos mais intrínsecos e eternos da pessoa humana? Há que defender esta e defender o primado do espírito.

Trava-se uma luta. Os campos estremaram-se. Deseja-se a Paz. Esta «tem de ser uma conquista... requer uma vitória».

A vitória não se alcançará sem heroísmo e os cristãos são responsáveis perante Deus e a Humanidade dos esforços que não fizerem para a conseguir.

Nenhum dos problemas sociais e científicos estão quites duma solução perfeita por parte da Igreja. O Evangelho é, ainda hoje, o código de toda a ciência e de toda a política. Há que vivê-lo na sua pureza. É necessário renascer verdadeiramente, como dizia Jesus a Nicodemos.

Esta obra de renovação da vida cristã faz-se pelo apostolado sacerdotal e leigo. A um e outro dá Sua Eminência directrizes seguras de conduta.

Aos sacerdotes diz Ele, descendo a pormenores, que não devem de modo nenhum ser «funcionários que fazem do Sangue Divino modo de vida», mas «revestidos da Santidade de Cristo» devem «com Jesus fazer um só...» «sendo no mundo um facto Divino».

Chama-lhes «irmãos e amigos dilectíssimos»; são a sua primeira preocupação e diz-lhes que «devem ser inteiramente de Deus como hóstias vivas porque o que converte o mundo é a virtude de Jesus».

E diz mais:

«O vosso Bispo é cioso da vossa Santificação».

«Sede santos para que Jesus seja glorificado em Vós e Vós próprios glorificados nEle».

É necessário que o reino de Deus se estabeleça no mundo pela sua Igreja visível na terra. «A Igreja é Jesus que passa sempre entre os homens fazendo o bem». Os sacerdotes devem por isso ser de facto «outros Cristo». Para tal o Sr. Cardeal Patriarca não se esquece de recomendar aos Padres sobretudo três coisas:

*Confissão frequente* — «não há género de penitência que valha a penitência sacramental».

*Missa Santa* — (tal missa, tal padre) devidamente preparada, devotamente celebrada e fervorosamente agradecida.

*Retiro anual* — «não é a Igreja que vo-lo impõe, é a vossa consciência sacerdotal que vo-lo pede».

Sem este espírito o Padre não pode ser o promotor da Paz do mundo nem pode orientar os outros para o serem

Os leigos necessitam de recta orientação porque também eles devem ser apóstolos. A Acção Católica é necessária em qualquer país e independentemente de qualquer regime e, sendo uma organização de natureza religiosa, é deixada aos seus membros inteira liberdade política, conquanto não se firam os direitos da justiça e do amor.

Sua Eminência acredita na Acção Católica, particularmente na Juventude Católica e defende-a, ajuda-a, dá-lhe vigor. «A vida afirma-se pela acção. A acção é a tradução exterior, o desenvolvimento natural, a plenitude fecunda da vida interior.

A Acção Católica é isso — o esplendor da vida cristã.

Combatê-la, cerceá-la, dificultá-la... é opor-se à realização do Reino de Cristo».

Noutra altura dirige a palavra à mocidade e fala:

«Vós sois a primavera em flor, quadra generosa em que tudo se dá por uma causa. Quando essa causa é maior do que Vós, a vossa vida será sempre uma ascensão».

Como é verdade o que Alguém disse — «uma alma que se eleva, eleva o mundo» — e como a elevação é fruto da vida de Cristo em nós, quanto mais a vida da juventude for ascensão, tanto mais o mundo será atraído ao cristianismo que é a fonte da verdadeira paz. É neste sentido que — segundo a palavra de Sua Eminência — «a primeira condição da Paz é purificar o espírito».

Isto que o Sr. Cardeal Patriarca dirige à Acção Católica — Apostolado leigo organizado — dirige-o também a todo o cristão que é ou quer ser verdadeiro cristão. Ninguém, nem nada lhe passa indiferente. A imprensa, a rádio, o cinema, tudo o que hoje pode pôr-se ao serviço de Deus, recebe dEle uma palavra de ordem.

Não receia exigir, quando isso é necessário, aos poderes públicos o cumprimento dos deveres contraídos para com a Igreja. Não se cansa de afirmar a primazia dos interesses espirituais e, nas horas mais incertas da História do século XX, condenou sem medo e como príncipe da Igreja, quem quer que profanasse Deus ou o Homem.

A sua palavra, ouvida com respeito em Portugal, tornou-se em lição

para o mundo. Por isso a sua influência não é já nacional; passou fronteiras.

No entanto, parece-me que seria omisso se não tocasse um pouco no tique português da personalidade do «Cardeal Cerejeira» e na sua grande parte tomada para o ressurgimento, não só cristão mas político ainda, do nosso país.

Bastará recordar as viagens — diria — nacionais à América, Brasil, Argentina, Colónias, etc., e os discursos de carácter patriótico, para marcar bem que, onde está D. Manuel Gonçalves Cerejeira, aí está Portugal sorrindo.

*

* *

Muitas coisas mais e interessantes ficam por dizer do pensamento de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

Seria oportuno apontar agora o que Sua Eminência pensa sobre Fátima, por exemplo, ou sobre as relações da Igreja com o poder político.

O espaço, porém, não o permite.

Evocarei sòmente numa impressão final aquele sorriso que sempre lhe brilha no semblante — sorriso que não é descuido, mas sacrifício em doação. É um respirar da virtude. É a alegria. E — como diz o P.e Sena Freitas — «alegria é o beijo de Deus na face do homem».

A. LEITÃO

# FALA DA JUVENTUDE

*Coro falado para recitar em dia de Missa Nova*

Aos novos sacerdotes,
Arautos da Boa-Nova,
Cavaleiros do Eterno Graal,



Estas redondilhas de sabor humilde
para que vo-las digam os jovens
as crianças das vossas aldeias!

Se em redondilhas é que o povo canta
e reza, que nestas ele exprima
a alegria e as graças de tamanha bênção
que o Senhor Deus concede.

# FALA DA JUVENTUDE

Pode ser dita num simples palanque improvisado no Adro da Matriz. O elenco irá de 5 a 10 para cada grupo; rapazes, raparigas e crianças. Poder-se-ia acompanhar esta Fala de um fundo musical e até de um quadro vivo com motivos adequados.

VOZ

— Novo ministro de Deus,
que Deus me ajude a saudar-te
nestes versinhos sem arte
mas que, afinal, são bem meus
e de toda a mocidade
desta abençoada aldeia:
— um canteiro de saudade,
a florir na tua ideia! —

Cálix de oiro em tuas mãos,
celebraste Missa-Nova.

Oh! que alegria vai dentro
das almas da gente nova!

Nós somos os teus irmãos
a dizerem numa voz:

TODOS

— Parabéns, mil parabéns!
Parabéns de todos nós!

RAPAZES

— Parabéns, mil parabéns
para ti e para os teus!

RAPARIGAS

— Ai felizes são as mães
que dão os filhos a Deus!

RAPAZ

Missa Nova! que alegria!
— Louvado seja o Senhor,
e a Virgem Santa Maria,
Por tão divino favor!

RAPARIGA

Santa Isabel fez do pão
lindas rosas cor de linho;
o Padre na Santa Missa
faz em Cristo o pão e o vinho.

RAPAZES

Todos nós fomos crianças,
inocentes primaveras.

RAPARIGAS

— Quando eras pequenino,
quem diria o que tu eras?

RAPAZ

Eras por Deus destinado
a ser lume de lareira
tornando em cinza o pecado
como lenha na fogueira.

RAPARIGA

Eras por Deus escolhido
para amigo de quem chora:
— Bendita sejam as mágoas
da Virgem Nossa Senhora!...

CRIANÇA

Também para as criancinhas
havia Deus destinado
que as fizesses amiguinhas
de Jesus Sacramentado!

TODOS

És um novo Sacerdote
que levanta para os Céus
O Pão que nós trabalhámos
Tornado o Corpo de Deus!

VOZ

Hoje nasceram dois Sóis
Sobre a nossa freguesia!
Um que subia nos Céus;
outro dos Céus que descia.

Um que encheu de luz os montes
E os vales em derredor;
Outro que acende nas almas
uma fogueira de amor.

Um que nasce manhãzinha,
e que morre ao fim do dia;
outro que é Deus imortal,
Filho da Virgem Maria.

Misssa-Nova celebrada,
Sol de Julho a despontar!
Hóstia pura consagrada
nas tuas mãos a brilhar!

RAPARIGAS

Nós somos a juventude
que vem dar-te parabéns!

RAPAZES

Mas ai que festa tão rude
neste belo dia tens!...

VOZ

Nem dálias, nem lindas flores
de algum formoso jardim...
As palavras e os louvores
são estes versos assim!...

Florinhas da nossa aldeia?
— Palavras do coração...
São, como a luz da candeia,
um lumezinho em botão.

Pequena como um dedal,
a luzinha da candeia
alumia toda a casa,
toda a casa fica cheia.

A nossa festa é pequena,
mas é cheia de alegria...

TODOS

A nossa festa é pequena,
Mas é cheia de alegria!

VOZ

É como as águas da fonte,
fiozinho a deslizar!
da fonte vai ter ao rio,
do rio vai ter ao mar!

RAPARIGA

Nossa alegria é nascente
que nasce dos corações:
desta gota de alegria
sai um rio de canções.

RAPAZ

Sai um rio de canções;
muitos rios fazem mar!
Rapazes e Raparigas,
comecemos de cantar!

*(todos cantam o que bem se desejar: canções regionais, músicas apropriadas, etc.)*

VOZ

Pela boca das crianças
a verdade é mais formosa:
é um ramo de esperanças
que tem perfumes de rosa.

CRIANÇAS

Brancas florinhas
todas abertas
são as ofertas
das criancinhas

CRIANÇA

*(avança para o festejado, levando um ramo de flores simples)*

— Em nome das criancinhas
aqui lhe venho depor
este ramo de florinhas
escolhido flor a flor.

São bem pobres, pobrezinhas! —
mas são de muito valor:
— preces delas,preces minhas
por si a Nosso Senhor...

— Parabéns, mil parabéns!
Parabéns dos pequeninos! —
E em nome dos nossos pais:

— parabéns, mil parabéns!
De si os olhos divinos
não se afastem nunca mais! —

*(a criança que falou estes versos, entrega as flores ao novo Padre, enquanto as demais atiram sobre eles pétalas trazidas em bandejas)*

VOZ

Já vamos sendo tardios
em acabar com a festa:
...Não é que mais não mereça...
mas é que a nossa não presta!

CAMPONÊS

*(idoso, irrompendo da multidão)*

— Alto lá, que falto eu!
Não me vou daqui embora
Sem agradecer ao Céu
esta alegria de agora!

*(como quem reza)*

— Bendito seja o teu Filho,
Senhora da Conceição!
Filho de Deus feito Homem
para nossa Salvação!

Seja bendito Jesus
lá no madeiro pregado!
e para sempre bendito
o Senhor ressuscitado!

— Louvado no Sacerdote
que é o pai das nossas almas!
Por isso nos alegramos
entre festejos e palmas.

— Parabéns ao novo Padre,
...e aos seus parentes também!
Muitos anos ele viva
Na graça de Deus — Amén! —

*(afasta-se para o meio do povo)*

VOZ

Ó gente da nossa terra,
terra de sol e trabalho
onde não falta a alegria,
nem o pão, nem o agasalho!

Ó povo da nossa aldeia,
terra simples mas fagueira!
Não há filho que lhe fuja,
coração que lhe mal-queira.

Ó linda aldeia — canteiro
de almas que sabem rezar:
— Parabéns pelo teu filho,
Sol de Cristo a alumiar! —

(E acaba-se esta Fala cantando um hino ao sacerdócio ou a Cristo-Rei de modo que toda a gente nela participe).

FERNANDO MELRO

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

SAÇOR

Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SAÇOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Telef. 704




Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

THORÓPTICA, LDA
Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.mo CLERO

Livraria e Papelaria Moderna

**Machado & Ribeiro, L.da**

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 - História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 - Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00

**Material Escolar** — Peçam catálogos indicando o género de livros

Pratas de arte, jóias

bronzes artísticos

pratarias para o culto

realizadas pela célebre

OURIVESARIA ALIANÇA

nas suas oficinas próprias

e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos

*Preços módicos*

OURIVESARIA ALIANÇA

**CELESTINO DA MOTTA MESQUITA**

Proprietário

S e d e :

*Rua das Flores, 191 a 211*

PORTO

F i l i a l :

*Rua Garrett (Chiado), 50*

LISBOA

SOCIEDADE EDITORA

ALA ESQUERDA L.DA

**Composição e impressão de**

**Jornais, Livros e Revistas**

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 — B E J A — Apartado 25

**( Oficinas Gráficas da Diocese )**

TRANSPORTES SIMÕES

Telefones { 54012 / 51594

*José Simões*

**Transporte para qualquer parte do País**

**Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA**

*A firma :*

JOÃO ALMEIDA SANTOS

da Covilhã

especializada em artigos próprios para o Exm°. Clero, lembra a V.ª Rev.ª a conveniencia em consultar os seus preços e qualidades.

## JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

**A casa mais antiga do País no seu género**

( FUNDADA EM 1832 )

**RUA DA VITÓRIA, 82 a 88** — **RUA DO OURO, 166 a 170**

**Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais - Lâmpadas -- Suspensões**
**Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha**

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA -- RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

---

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
**R. L.**
**SERRALHARIAS**

**Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA**

---

## C. SANTOS

**LANIFÍCIOS**

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

**COVILHÃ**

---

**Cafés**
**Chás**
**Farinhas**
**Cevadas**
**Chocolate**
**Cacau**
**Pudins**
**Flocos de Aveia**

**O melhor que se produz e se prepara, é o que vende**

## A Mariazinha

**Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas**

**Lisboa**
**Rua Barros Queiroz, 28**
**Porto**
**Rua de Santo Ildefonso, 415**

---

## Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

**Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669**

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

**Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas**

**As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros**

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

# TOSSE ?




## HORAS CÁLMAS

COM

# BENZO-DIACOL